

Círculo de cultura freireano: instrumento metodológico para o ensino profissional

Ynakam Luis de Vasconcelos Leal¹, Severino Bezerra da Silva², Ciro Linhares de Azevêdo³

Resumo

Este trabalho é consequência de uma experiência vivenciada no Curso Técnico em Guia de Turismo Subsequente ao Ensino Médio, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Câmpus Avançado Cabedelo Centro, na Barra do Mamanguape, Rio Tinto-PB. Nosso objetivo é relatar a vivência didático-pedagógica com os educandos durante a execução do curso profissional, em que utilizamos a metodologia freireana, que tem como base a relação dialógica entre o educando e o educador, valendo-nos do círculo de cultura como instrumento de interação entre esses atores e sua realidade. Na trajetória da elaboração e efetivação do método referido, registrou-se a experiência exitosa de Angicos-RN. No trabalho que ora apresentamos, constatamos que o método freireano pode e deve ser utilizado para além do ato de alfabetizar, já que a nossa experiência se deu de maneira também exitosa em turmas de ensino profissional. Por fim, concluímos que o círculo de cultura é um instrumento metodológico atemporal e totalmente viável para preencher as lacunas existentes em um modelo sistêmico de educação que, muitas vezes, não atende à heterogeneidade sociocultural brasileira e suas particularidades.

Palavras-chave

Ensino Profissional. Círculo de Cultura. Metodologia freireana.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil; professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Avançado Cabedelo Centro, Brasil; membro pesquisador e vice-coordenador do Observatório da Educação Popular (UFPB). E-mail: ynakam.leal@ifpb.edu.br.

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, professor titular da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, Brasil. E-mail: severinobsilva@uol.com.br.

³ Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande, Brasil; coordenador do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade (NEGED/UFPB) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil. E-mail: ciroufcg@hotmail.com.

Freirean culture of circles: methodological instrument for professional education

Ynakam Luis de Vasconcelos Leal⁴, Severino Bezerra da Silva⁵, Ciro Linhares de Azevêdo⁶

Abstract

This work is a consequence of an experience in the Technical Course in Tourist Guide Subsequent to High School, offered by the Federal Institute of Education, Science and Technology of Paraíba, Advanced Campus Cabedelo Centro, in Barra do Mamanguape, Rio Tinto-PB. Our objective is to report the didactic-pedagogical experience with students during the execution of the professional course, in which we use the Freirean methodology, which is based on the dialogical relationship between the student and the educator, using the culture circle as an instrument of interaction between these actors and their reality. In the trajectory of the elaboration and implementation of the referred method, the successful experience of Angicos-RN was registered. In the work we now present, we found that the Freirean method can and must be used in addition to the act of literacy, since our experience was also successful in professional education classes. Finally, we conclude by understanding that the culture circle is a timeless and totally viable methodological instrument to fill the gaps in a systemic model of education, which, in many times, does not meet the Brazilian socio-cultural heterogeneity and its particularities.

Keywords

Professional Education. Culture Circle. Freirean methodology.

⁴ Master in Education, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil; full professor at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Paraíba, Advanced Campus Cabedelo Centro, State of Paraíba, Brazil; research member and vice-coordinator of the Popular Education Observatory (UFPB). E-mail: ynakam.leal@ifpb.edu.br.

⁵ PhD in Social Sciences, Pontifical Catholic University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil, full professor at the Federal University of Paraíba, Campus I, Brazil. E-mail: severinobsilva@uol.com.br.

⁶ Master in History, Federal University of Campina Grande, State of Paraíba, Brazil; coordinator of the Gender and Diversity Studies Nucleus (NEGED/UFPB), Federal Institute of Education, Science and Technology of Paraíba, State of Paraíba, Brazil. E-mail: ciroufcg@hotmail.com.

Introdução

No final da década de 1940, Paulo Freire recebeu o convite para trabalhar na área de educação na superintendência do Serviço Social da Indústria (Sesi), em Recife (PE). Essa experiência o colocou em contato com operários e familiares, com quem, através das práticas educativas em grupo, pôde começar a trilhar os caminhos para a elaboração de seus métodos, pensamentos e escritos. Os experimentos em grupos, com pais e mestres, apontaram uma atuação sobre várias dimensões educativas da vida do sujeito, além de possibilitar a percepção de especificidades exigidas pela educação de jovens e adultos, proposta que se desenvolve através dos círculos de cultura.

Segundo Haddad (2019), desde essas primeiras experiências, Paulo Freire tentou elaborar metodologias para interseccionar educação e cultura numa perspectiva *popular e libertadora*, algo que se intensificou durante a década de 1960, tendo em vista seu envolvimento com o Movimento de Cultura Popular e seu contato com as experiências em sindicatos, periferias, com trabalhadores e trabalhadoras rurais, entre outros, nesse contexto, atrelado à problemática da alfabetização que vai além da concepção da educação bancária, já que há a intencionalidade da conscientização dos sujeitos.

Daí, Freire passou a aprofundar e sistematizar suas propostas metodológicas. Num primeiro momento, o educador deveria definir temáticas - após circular por espaços (bares, igrejas, escolas, entre outros) - e tecer experiências dialógicas com diversos sujeitos da comunidade em questão. Em seguida, definir palavras, composições silábicas e símbolos ligados a essas temáticas. A partir disso, propunha a criação de círculos de cultura que pudessem atrelar os instantes de diálogos às diversas dimensões da vida da comunidade.

Tal perspectiva metodológica passou a ganhar destaque em vários espaços, como o teatro e as oficinas de arte popular em Recife, e expandiu-se por Pernambuco. Em 1963, Freire destacou-se nacionalmente com a experiência de Angicos, no Rio Grande do Norte. Em seguida foi convidado pelo presidente João Goulart para participar de uma campanha nacional de alfabetização.

O desenvolvimento teórico e prático do método freireano montou uma espécie de “caixa de ferramentas” extremamente fecunda para a elaboração criativa e potente de experiências de educação popular até os dias atuais. O relato de experiência que propomos neste texto foi baseado nas dinâmicas de círculos de cultura e construído a partir do exercício de docência no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Câmpus Avançado Cabedelo Centro

(CACC), na turma do Curso Técnico em Guia de Turismo Subsequente ao Médio⁷, nas comunidades ribeirinhas e litorâneas formadas por pescadores e indígenas da Área de Preservação Ambiental (APA) da Barra do Rio Mamanguape, Rio Tinto (PB), durante o primeiro semestre de 2018, na disciplina Geografia Aplicada ao Turismo Regional.

A aplicação do Método Paulo Freire partiu da necessidade de superação da inquietude gerada pelo antagonismo entre as propostas teóricas e conceituais dos documentos oficiais que estruturavam a disciplina do curso e a heterogeneidade das realidades sociais encarnadas nos educandos. Foi possível desenvolver exercícios de empoderamento e ressignificação das etapas propostas por Paulo Freire na experiência de alfabetização em Angicos. A rota dialógica, horizontal e empática da metodologia freireana para alfabetização permitiu uma reinvenção do Curso Técnico em Guia de Turismo Subsequente ao Médio por caminhos metodológicos que desenvolvessem conceitos geográficos estreitamente vinculados aos saberes das comunidades. O caminho percorrido foi caracterizado de forma visceral, dotado de movimentos criativos e potentes, pautado em saberes dos povos tradicionais e na busca de elaboração de táticas de resistência e rupturas da comunidade contra as estratégias de opressão das estruturas hegemônicas. Nossa experiência docente foi calcada na *cointencionalidade*. Assim,

Educador e educandos, cointencionados à realidade, encontram-se numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar o conhecimento. [...] Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, descobrem-se como seus refazedores permanentes. (FREIRE, 2017b, p. 77-78).

Dessa forma, as ações desenvolvidas geram uma reciprocidade entre educador e educandos, estabelecendo a superação da dualidade pela autenticidade da ação e dos saberes, que são creditados pela convicção no potencial criador dos sujeitos, colocando-se, assim, a serviço de movimentos de humanização mútua e de construção dos lugares possíveis de libertação, gestores do *ser mais* (FREIRE, 2016).

⁷ “Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas: I - articulada com o ensino médio; II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio” (BRASIL, 1996).

Metodologia

A pesquisa é de cunho qualitativo por considerar o contexto sociocultural dos participantes e o conhecimento que vai sendo construído a partir da experiência dos envolvidos, sendo os pesquisadores, ao mesmo tempo, objetos e sujeitos de sua pesquisa.

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social e humano. “O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações acerca do significado das fontes” (RICHARDSON, 2017, p. 67).

Essa perspectiva de análise funda-se num diálogo constante a partir da investigação participante, procurando compreender a realidade de forma contextualizada em uma visão composta pelas diferentes realidades, já que não se busca implementar ações que intervenham nos participantes, mas observar a partir da realidade do coletivo envolvido no processo de ensino e aprendizagem. Minayo (2010, p. 162) entende que “o pesquisador deve trabalhar de tal forma que a própria seleção do problema de investigação brote da discussão entre especialistas e a população”.

Sendo assim, o trabalho parte de uma experiência exitosa com a turma do Curso Técnico em Guia de Turismo Subsequente ao Médio na APA da Barra do Rio Mamanguape, cujo trabalho como docente da referida disciplina nos permitiu utilizar o método de círculo de cultura, desenvolvido por Paulo Freire, para dialogar sobre o conteúdo proposto na ementa da disciplina.

Dessa forma, trata-se de um estudo bibliográfico e teórico, no qual focalizamos o conceito de cultura e o método freireano. Isso nos proporcionou associar a fundamentação teórica com a ação educacional, utilizando o círculo de cultura como instrumento metodológico para sedimentar o conteúdo proposto pela disciplina em um curso de formação profissional.

Círculo de Cultura freireano

Realizar uma abordagem acerca do método de Paulo Freire não é algo simples, pois o círculo de cultura freireano (década de 1960) não provém única e exclusivamente do ideário de Freire, portanto, pensar que esse método é consequência exclusiva de um único pensamento é minimizar a complexidade do processo de construção da metodologia freireana.

É necessário considerar toda a vivência e a convivência de Paulo Freire, desde a sua origem em Jaboatão dos Guararapes (PE), a sua formação acadêmica, que lhe proporcionou o contato com um mosaico epistemológico, às experiências profissionais e o contexto histórico, sobretudo das décadas de 1950-1960, quando vivemos um turbilhão político que influenciou a vida dos brasileiros por praticamente duas décadas. E, acima de tudo, é fundamental compreender que Paulo Freire não estava só no processo de construção do seu método, pois havia forte influência dos movimentos sociais.

É um método inovador que, naquele momento, contribuiu para desconstruir o modelo sistemático de ensino autoritário e excludente, que não considerava a realidade das classes populares, desde sua identidade cultural até o seu entorno territorial geográfico, bem como as condições fitogeográficas.⁸

Histórico das influências de Freire na perspectiva de elaboração do método

É no turbilhão de transformações socioeconômicas, com propostas liberais em evidência, a partir do fenômeno da urbanização acelerada que vinha ocorrendo no Brasil nas décadas de 1930 e 1940, de governos populistas em ascensão, tanto no Brasil como na América Latina, que se constitucionalizou a democracia liberal. Então, a partir da década de 1950, muitos educadores se empenharam em analisar que tipo de educação deveria ser destinada ao povo, às classes menos favorecidas historicamente.

Paulo Freire será o grande protagonista nacional, regional e mundial da mobilização a favor de uma educação voltada para a realidade da população que historicamente foi excluída e invisibilizada.

Não estamos, com isso, afirmando que Freire é o criador de uma linha de ações voltadas para a educação popular, até porque ela precede o embasamento metodológico freireano, em particular àquilo que corresponde a essência da presença dela na escola, um trabalho exercido por todos, ou seja, enquanto não existiam as funções do trabalho. Brandão (2012) contribui com o exposto quando afirma que,

Enquanto o trabalho produtivo não se dividiu socialmente e um poder comunitário não se separou da vida social, também o saber necessário não teria existido separado da própria vida. Fora alguns poucos especialistas de

⁸ “Parte da biogeografia que estuda a distribuição geográfica dos vegetais na superfície do globo. Na geomorfologia, a fitogeografia adquiriu grande importância, tendo em vista o desenvolvimento dos sistemas morfogênicos, dentro das áreas morfoclimáticas” (GUERRA, A. J.; GUERRA, A. T., 2009, p. 276).

artes e ofícios, como os da religião primitiva, em algumas tribos, com pequenas diferenças todos sabiam tudo e entre si se ensinavam-e-aprendiam, seja na rotina do trabalho, seja durante raros ritos onde, solenes e sagrados, os homens falavam aos deuses para, na verdade, ensinarem a si próprios quem eram eles, e por quê. Esta foi uma primeira *educação popular*. (BRANDÃO, 2012, p. 25).

Podemos também ressaltar outras situações pretéritas a Paulo Freire que representam a educação popular, só que, agora, no âmbito do ensino escolar. Mejía (2018) corrobora com esse pensamento:

Se as discussões sobre a educação popular — como educação escolarizada para todos no acesso universal — estão no coração do projeto da Reforma Protestante quando se pretendia que todos os fiéis, sem distinção de lugar ou origem, pudessem ler as sagradas escrituras, e atravessa essa primeira fase da modernidade buscando uma escola construída para todos, também estão presentes no ideário educativo católico através da proposta de São João Batista de La Salle. Esta educação adquire maior fundamentação nas discussões da Assembleia francesa, com o Plano Condorcet, quando tentava dar forma às tarefas da Revolução de 1789, e em abril de 1792 se concretizava numa escola única, laica, gratuita e obrigatória. Essa tentativa de dar escolas a todos como base da construção de igualdade social vai ser a base do que até este momento na perspectiva europeia se chama educação popular. (MEJÍA, 2018, p. 21-22).

Registramos que vários movimentos de origem popular também contribuíram para a composição de uma percepção do que é educação popular já na década de 1960, quando Fávero (2006, p. 50-51) cita alguns movimentos de educação e cultura popular: “Movimento de Cultura Popular (MCP)”, “De pé no chão também se aprende a ler”, “Movimento de Educação de Base (MEB)”, “Centro Popular de Cultura (CPC)” e “Experiência dos Sistema de Alfabetização Paulo Freire – Ceplar/PB” e “Angicos/RN”.

Dessa forma, percebemos que vários movimentos de cunho popular ligados à igreja, ao campo e às universidades, contribuíram para a aplicabilidade do método do círculo de cultura freireano, rompendo com a “invenção” individualista e excludente, o que impactaria com a base dialógica da metodologia.

Conceituação do Círculo de Cultura

Para Freire, a educação não é neutra, ela sempre está a serviço de uma classe. Ele problematiza as formas impostas do educar, questionando se realmente educam, e reflete sobre a possibilidade de a educação vir a ser mera ferramenta de domesticação dos sujeitos,

transmissora de conhecimentos que perpetuam as práticas bancárias da educação. A percepção de Paulo Freire é que o ponto de partida na utilização do círculo de cultura é o mundo concreto, a partir das diversas realidades sociais. É um fenômeno que não podemos coisificar, em que há sinergia entre o ensinar e o aprender, proporcionando a libertação, não meramente para que o indivíduo seja inserido num mercado de trabalho, mas para resguardar as suas identidades e dialogar com o novo. Por isso, os obstáculos são substanciais tanto para o educador quanto para o educando.

A libertação, por isso, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce desse parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se. (FREIRE, 2017b, p. 48).

Quando, na aplicação da metodologia do círculo de cultura, há a proposta de libertação dos sujeitos, é na perspectiva de proporcionar um olhar diferenciado de mundo, não somente daquele que está conseguindo desenvolver a leitura erudita das cartilhas, manuais e livros, mas, principalmente, das ações sociais em seu entorno. Uma libertação que não fica restrita ao educando, mas também é estendida ao educador coordenador dos debates.

Não há, efetivamente, um protagonista, todos participam na construção do conhecimento. Salientamos que o círculo de cultura foi pensado, inicialmente, em um contexto de elevado número de *analfabetos*, porém não se tratava apenas de um método de ensinar a ler e escrever.

Assim, o próprio ensino de leitura de palavras do português começava e continuava por uma reflexão coletiva, a partir da questão teórica da cultura e dos elementos da cultura local de cada grupo de educandos. Não se tratava de aprender apenas a ler e escrever uma língua, como nos programas tradicionais de alfabetização de adultos, mas a de aprender a ler o seu próprio mundo através de sua própria cultura. (BRANDÃO; FAGUNDES, 2016, p. 98).

O fato de implementar uma prática alfabetizadora desprezando os saberes locais e reproduzindo uma cartilha repetitiva de palavras, em que o professor seria um mero reproduzidor e repetidor de termos e conceitos, não proporciona a libertação.

O método de círculo de cultura rompe com essa prática tradicional quando o professor passa a ser coordenador de um diálogo, percebendo o educando como parte do debate na construção do conhecimento a partir da realidade local. Dessa maneira, tal método pretende

construir coletivamente a compreensão do protagonismo territorial de cada sujeito, a partir do reconhecimento da identidade cultural.

Quando se revisa a tradição pedagógica, se reconhece na educação popular um emaranhado metodológico que se construiu a partir de um tríplice processo de intraculturalidade, interculturalidade e transculturalidade que tornam possíveis o diálogo dos saberes e negociação cultural para a ação transformadora desde uma diversidade que questiona um conhecimento suportado sob uma única episteme, universal, correspondente à visão eurocêntrica do mundo, aquela que tem sido questionada dos movimentos sociais do sul. (MEJÍA, 2018, p. 289).

O método valoriza as diversidades culturais locais como instrumento metodológico de alfabetização. É um exercício de resistência a um modelo hegemônico sistemático de educação, já que todos os conhecimentos são imprescindíveis no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Freire (2017b, p. 78) defendeu que “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

Relato da experiência exitosa do Círculo de Cultura de Angicos

A compreensão da experiência da proposta de Paulo Freire na cidade de Angicos deve ser analisada a partir da conjuntura das décadas de 1950 e 1960, com o fenômeno da urbanização brasileira, já que estávamos presenciando a fase transitória de uma economia pautada no campo e agroexportadora, para uma urbana e industrial, o que vai demandar uma política de alfabetização de massa. Fávero (2013, p. 50) afirma que, dessa forma, “tanto a expansão da rede escolar quanto a gestão de novas modalidades de ensino - estão intimamente ligadas à expansão do capitalismo, no modelo industrial e dependente”.

Por outro lado, não podemos desconsiderar a contribuição de alguns governantes eleitos por bases populares, em ações que valorizassem o ensino primário e a alfabetização, como também os movimentos mais expressivos de cultura e educação popular, que, no momento que precede o golpe civil-militar de 1964, se encontravam em uma condição de crescente influência política, principalmente no Nordeste.

Todo esse panorama vai contribuir para a elaboração e a implementação do método freireano, desde as mobilizações nas universidades, com a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Estadual Católica (JEC), até o próprio MEB, passando pela imensa contribuição do Serviço de Extensão Cultural (SEC), ligado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), idealizando um sistema de educação de transição de um modelo liberal

hegemônico para um modelo libertador contra-hegemônico.

A experiência de Angicos segue um projeto que vinha em experimento no Recife, no Centro Cultural Dona Olegarina, no SEC/UFPE, e em João Pessoa (PB), na Campanha de Educação Popular da Paraíba, ambas no contexto de 1962, e antecedem a Angicos (FÁVERO; SOARES JÚNIOR, 1992, p. 1).

Quando analisamos as famosas *40 horas de Angicos*, percebemos que ocorreu toda uma sistematização, um pensar didático-pedagógico e um planejar das ações. O próprio Freire (2016) vai defender o rigor no método:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. (FREIRE, 2016, p. 28).

Daí, na aplicação do instrumento metodológico freireano, com o auxílio de Lyra (1996, p. 21-107), identificamos alguns elementos pertinentes à compreensão desse “rigor”, de acordo com o quadro.

Quadro – Elementos identificados na metodologia freireana

Nº	Descrição dos elementos
I	Os aspectos culturais locais são fundamentais para a elaboração do diálogo.
II	Utilizar palavras geradoras escolhidas através de situações existenciais.
III	O professor é coordenador de debates.
IV	O educando é sujeito participante do grupo.
V	O objetivo não é exclusivo a sistematizar a escrita/leitura, mas o reconhecimento crítico de si.

Fonte: Os autores (2020).

Ressaltamos que, mesmo com a interrupção abrupta do método Paulo Freire com o estado de exceção de 1964-1985, a ação de Angicos permanece e amplia os saberes. Segundo Lyra (1996):

Quando Paulo Freire retornou ao Brasil, tenho a impressão de que fui um dos primeiros a lhe telefonar: Paulo, continuei as pesquisas e posso lhe assegurar que não há regressão da aprendizagem. Imagino sua emoção quando lhe falei sobre os avanços e resultados do trabalho no Estado. Com

apenas trinta ou 32 horas, cerca de doze palavras (geradoras), é possível ao analfabeto ultrapassar o aprendizado meramente linguístico, saindo da cultura do silêncio e ser um fazedor do mundo. (LYRA, 1996, p. 14).

Apesar da ação do tempo e da imposição do silêncio no período autoritário, percebemos que os saberes não foram perdidos, o que reitera a eficiência do método Paulo Freire de alfabetização.

A escolha do Círculo de Cultura freireano como instrumento metodológico

Escolher o círculo de cultura como instrumento metodológico da disciplina de Geografia Aplicada ao Turismo Regional na turma do Curso Técnico em Guia de Turismo Subsequente ao Médio da APA da Barra do Rio Mamanguape não surgiu aleatoriamente, já que o professor da disciplina percebe que estava na condição de objeto e sujeito ao mesmo tempo.

Nosso contato com o grupo de pesquisa Observatório da Educação Popular, como membro pesquisador, e a pesquisa desenvolvida na pós-graduação *stricto sensu*, na linha de Educação Popular, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, proporcionaram a percepção e sensibilidade para os diversos procedimentos pedagógicos em projetos de ensino e extensão. Assim, o círculo de cultura, pela capacidade dialógica entre *professor e aluno(a)*, com base na redescoberta do saber e da autonomia dos educandos, atraiu o nosso olhar como instrumento metodológico a ser aplicado.

Agora, não mais na perspectiva de alfabetizar no sentido da leitura e da escrita — a exemplo da experiência de Angicos, em um contexto histórico diferente —, mas, sim, na de proporcionar o que Freire (2016) classificou de *ser mais*, no sentido de resistência e rebeldia diante das injustiças históricas cometidas em face das minorias.

A Barra do Mamanguape

No município de Cabedelo (PB), o CACC, localizado no centro dessa cidade portuária, originou-se do Centro de Referência em Pesca e Navegação Marítima (CRPNM), que agregava o Centro de Formação em Pesca e Cultura Marinha. Assim, o câmpus surgiu, na primeira década deste século, com o propósito de atender a formação dos pescadores, nas colônias presentes nas cidades de Cabedelo, Lucena (PB), João Pessoa e Conde (PB), na modalidade de cursos extensionistas, permitindo que aquele pescador artesanal passasse a ser

reconhecido formalmente pelos órgãos governamentais competentes.

A parceria com a Marinha do Brasil, desde 2012, permite que o câmpus seja o único a ofertar de forma gratuita diversos cursos de formação de pesca - Ensino Profissional Marítimo (EPM) -, o que o aproxima de diversas comunidades de pescadores, superando os limites de Cabedelo.

A partir de 2016, o CACC avalia como necessário ir além do eixo temático original e, ouvindo as comunidades em reuniões articuladas e coordenadas pela gestão, com professores, técnicos administrativos e sociedade, e observando o perfil dos docentes a partir da formação e das demandas locais, busca ampliar o trabalho para outros eixos. Dessa maneira, em 2017, oferta o Curso Técnico em Guia de Turismo Subsequente ao Médio, para pescadores, ribeirinhos, indígenas e comunidade litorânea, já que o espaço territorial da faixa costeira apresenta, por natureza, um grande apelo turístico, com boa aceitação.

Em seguida, o desafio foi de ofertar uma turma no Litoral Norte, na Barra do Mamanguape, tendo em vista que, no passado, através do curso de Pescador Profissional (POP)⁹ e do curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) de Conductor de Turismo, alguns servidores em contato com membros da comunidade criaram vínculos com a comunidade e suas demandas. Entre elas, a de terem reconhecidos e formalizados seus saberes em relação às práticas de trabalho com o turismo local.

A demanda da comunidade foi aceita pelos docentes, técnicos administrativos e por servidores do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que se agregaram ao projeto, e, em conjunto com os membros da própria comunidade, também pensaram as estratégias de execução do referido curso. O câmpus disponibilizou a infraestrutura de transporte para os docentes e o ICMBio, que coordena o Projeto Peixe-Boi Marinho, a sala de aula para realização das atividades. Em 2018 teve início o ano letivo da primeira turma de Guia de Turismo na Barra do Mamanguape.

Desenvolvimento da ação didático-pedagógico

Conhecendo a turma

Em 2018, o CACC oferta, através do Edital n. 4/2018, via Processo Seletivo de Cursos

⁹ Curso de Formação de Aquaviários – Pescador Profissional: curso acreditado pela Marinha do Brasil em parceria com o CACC. É dividido em dois níveis: Nível 1, para analfabetos e formação até o 5º ano do ensino fundamental; e Nível 2, a partir do 6º ano do ensino fundamental.

Técnicos (PSCT), 40 vagas para o Curso Técnico em Guia de Turismo Subsequente ao Médio, da Unidade Avançada de Mata Norte, sendo 20 vagas disponíveis para os egressos do município de Lucena e 20 vagas para os do município de Rio Tinto, a ser ministrado na APA da Barra do Rio Mamanguape, na sede do ICMBio, Projeto Peixe-Boi Marinho. A parceria entre o IFB e o ICMBio proporcionou o desenvolvimento do projeto, com 19 alunos(as) matriculados(as), oriundos da APA da Barra do Rio Mamanguape, das aldeias indígenas de Tramataia e Camurupim, em Marcação (PB), da Baía da Traição (PB), bem como também moradores de Rio Tinto como um todo.

O número aparentemente reduzido de egressos é distorcido, pois as vagas disponíveis foram planejadas a partir de um contato prévio com a comunidade, já que cursos extensionistas ofertados anteriormente, de Conductor de Turismo e de POP, foram desenvolvidos na região, o que proporcionou uma maior empatia da comunidade com o IFPB/CACC. Cabe salientar que muitos dos alunos já exerciam a prática de barqueiro na foz do Rio Mamanguape, porém não eram habilitados para a atividade de guiamento, o que comprometia ainda mais o rendimento local, pois guias habilitados provenientes de outras cidades, como Cabedelo e João Pessoa, desenvolviam a atividade laboral, ocasionando evasão do capital para outras localidades e deixando para a APA a responsabilidade com a sustentabilidade ambiental e o menor rendimento.

Aplicação do método freireano

No ano de 2018, no contexto da disciplina de Geografia Aplicada ao Turismo Regional, trabalhamos com a turma do Curso Técnico em Guia de Turismo Subsequente ao Médio, na Barra do Mamanguape, localizada a aproximadamente 87 km de distância da capital João Pessoa. Na operacionalização do curso, o primeiro desafio a ser vencido foi a logística da distribuição das aulas, bem como dos professores, já que, sendo o câmpus localizado no município de Cabedelo, era mais viável deslocar os professores do que toda a turma, porém, o deslocamento diário também se tornou inviável.

A alternativa adotada foi concentrar as aulas e a carga horária em dois dias da semana, pois, além da problemática envolvendo o corpo docente, existe a demanda dos educandos.

Todos exerciam alguma atividade remunerada e não podiam se dar ao direito de passar dois semestres, com 40 horas semanais distribuídas nos cinco dias da semana, sem trabalhar. Por isso, o curso foi concentrado sempre às segundas e às terças-feiras, nos turnos da manhã e da tarde.

Quando propuseram a disciplina, percebemos que uma citação de Freire (2017a, p. 127) caberia para aquela realidade: “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe?”

Na trajetória docente, nunca havíamos passado por uma experiência daquela natureza, ou seja, a de ter que ir ao encontro de uma comunidade distante do lugar de trabalho (escola), lidar com a ansiedade que o desconhecido provoca. Pensando em como seriam os educandos, sobre sua homogeneidade e diversidade, tínhamos dúvidas quanto à infraestrutura do espaço, em como seria o deslocamento pelos canaviais.

Todo esse caldeirão de sentimentos e pensamentos proporcionou uma imensa vontade de acertar e fazer uma ação que fosse de encontro ao modelo sistemático imposto na matriz curricular do Plano Pedagógico do Curso, na formação técnica profissional e, mesmo, na formação docente. Assim, partindo da fundamentação teórica da educação popular, percebemos que é totalmente possível desenvolver algo diferente daquilo que, até então, era proposto na ementa da disciplina¹⁰ no ano de 2018, pois, como se trata de Geografia Aplicada ao Turismo Regional, há uma exigência de desenvolver alguns conceitos básicos, conforme identificado na referida ementa.

A ementa da disciplina, disponível no momento em que fomos imbuídos de desenvolver o trabalho na Barra do Mamanguape, nos inquietou pelo fato de ter que fazer uma abordagem dos conceitos geográficos em uma turma heterogênea, tanto no que corresponde à formação quanto no que se relaciona ao tempo em que se mantiveram afastados da sala de aula. Nesse sentido, sobre currículos, Arroyo (2017) afirma que,

Quando as verdades científicas das disciplinas, do currículo, não coincidem com as verdades do real social, vivido por nós ou pelos alunos, nossas identidades profissionais entram em crise. Como as verdades dos cursos de formação e de educação básica estão distantes das verdades que mestres e educandos vivenciam. (ARROYO, 2017, p. 29).

Outro grande desafio se colocava em relação à didática para desenvolver o conteúdo. Foi assim que decidimos conhecer mais e utilizar o método freireano efetivado em Angicos, por perceber que esse instrumento metodológico, embora pensado para alfabetizar, poderia ser útil no ensino profissional subsequente, com aqueles que já dominavam a escrita e a leitura.

¹⁰ Disponível em: <https://estudante.ifpb.edu.br/cursos/152>.

No primeiro momento, realizamos uma roda de diálogo para tentar construir uma relação de empatia com os educandos, como também de forma preditiva compreender o grau de heterogeneidade da turma na perspectiva dos diversos saberes.

Compreendemos que, nesse momento, o ato de desenvolver uma ação dialógica é compatível com o elemento **I** (os aspectos culturais locais são fundamentais para elaboração do diálogo) do quadro, pois reconhecemos que, no método freireano, os debates são essenciais na construção dos saberes.

A partir desse contato, desenvolvemos uma rota metodológica que permitisse tanto desenvolver os conceitos geográficos da ementa quanto absorver os conhecimentos do cotidiano daqueles sujeitos. Como atividade prática, propusemos a elaboração de um folder promocional de divulgação da Barra do Mamanguape.

A construção do material foi feita pensando coletivamente. Assim, o docente muda de lugar, passando de professor a coordenador de debate, pois percebemos que os saberes do educador e dos educandos, a partir daquele momento, estavam em total interação, o que nos aproximou dos elementos **III** (o professor é coordenador de debates) e **IV** (o educando é sujeito participante do grupo) do círculo de cultura freireano, conforme quadro.

Com a metodologia definida, começamos a problematizar a elaboração do folder. Dessa forma, traçamos a construção dos itens não de forma aleatória, mas seguindo uma sequência lógica de divulgação da Barra do Mamanguape, já que compreendemos que o curso de guiamento tem, entre seus objetivos, um voltado para divulgar o local e atrair os visitantes.

O exercício foi o seguinte: o educador citava um item, em seguida, os educandos relatavam os seus saberes sobre o tema; e, coletivamente, era decidido como divulgar aquela informação no folder. O referido folder foi organizado na seguinte sequência: *i*) localização geográfica (como chegar à Barra do Mamanguape); *ii*) riqueza paisagística (aspectos naturais, como o clima, o relevo, a vegetação e a bacia do Rio Mamanguape); e *iii*) aspectos culturais (culinária e comemorações). Desse modo, elaboramos um material através do olhar dos educandos, o que gerou uma sinergia com os elementos **II** (utilizar palavras geradoras escolhidas através de situações existenciais) e **V** (o objetivo não é exclusivamente a sistematização da escrita e leitura, mas o reconhecimento crítico de si) do quadro, já que o conhecimento local foi fundamental para o processo de reconhecimento de si e do protagonismo espacial do sujeitos.

A atividade culminou com a elaboração virtual de um folder, que não foi impresso nem divulgado em redes sociais — embora houvesse surgido a intenção do grupo de criar *sites* e *blogs* para veiculação do material posteriormente. Contudo, o objetivo foi alcançado

quando percebemos a interação entre os envolvidos no processo, a percepção dos educandos sobre o espaço habitado e o reconhecimento de si e de seu lugar, gerando aprendizagem significativa e valorização da educação voltada para a realidade dos educandos e para o diálogo de saberes.

Considerações finais

Relatar essa experiência na Barra do Mamanguape é, antes de tudo, extremamente gratificante, não só na perspectiva de pesquisadores, mas também enquanto seres humanos, pois o papel do professor pode e deve ir além da sala de aula. Como afirma Arroyo (2017, p. 29): “Cada dia percebemos com maior clareza que nossa história docente é inseparável da história humana e social dos(as) educandos(as) com quem trabalhamos”. Nossas sortes estão atreladas. Só nos entenderemos na medida em que tentarmos enxergá-los e entendê-los.

Ao final, diagnosticamos que o círculo de cultura de Paulo Freire, em primeiro lugar, não é exclusivo para os processos de alfabetização, já que podemos sim, ressignificá-lo para a construção e a reconfiguração dos saberes daqueles que já dominam a leitura e a escrita.

Percebemos também que é um método que pode e deve ser utilizado nas disciplinas ofertadas nos cursos profissionalizantes. Observamos que esse instrumento metodológico pode ser utilizado pelas diversas disciplinas, sejam elas propedêuticas ou técnicas.

Por fim, o método freireano não é algo acabado, muito menos responde a todas as problemáticas. A cada dia percebemos com maior clareza que nossa história docente é inseparável da história humana e social dos(as) educandos(as) com quem trabalhamos o sistema didático e pedagógico. O método é um instrumento que se permite reinventar para as diversas realidades, contribuindo para a educação popular e para a emancipação dos sujeitos alcançados por ela.

Agradecimentos

Ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), pela infraestrutura disponibilizada para a realização do curso.

Referências

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos, v. 318).

BRANDÃO, C. R.; FAGUNDES, M. C. V. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para o sistema de educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 61, p. 89-106. jul./set. 2016. Doi: 10.1590/0104-4060.47204. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/KmYHVqgFMPBfJTjXsRjFFvc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Dispõe da Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 17 maio 2021.

FÁVERO, O. **Uma pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966). Ilustrações de Paulo Cheida Sans. Campinas: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Contemporânea).

FÁVERO, O. Paulo Freire: primeiros tempos. O que pensam outros especialistas? **Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 90, p. 47-62, jul./dez. 2013. Doi: 10.24109/2176-6673.emaberto.26i90.2395. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2742>. Acesso em: 17 maio 2021.

FÁVERO, O.; SOARES JÚNIOR, E. F. Ceplar – Campanha de Educação Popular (Paraíba, 1962-1964). **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 1, n. 2, jul.-dez. 1992. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/files/doc.ceplar.pdf>. Acesso em: 18 maio 2021.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017a.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017b.

GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HADDAD, S. **O educador**: um perfil de Paulo Freire. São Paulo: Todavia, 2019.

LYRA, C. **As quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

MEJÍA, M. R. **Educação e pedagogias críticas a partir do sul**: cartografias da educação popular. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2017.

Submetido em 31 de março de 2021.

Aprovado em 16 de abril de 2021.